

Entre silêncios e vertigens: Representação da lesbianidade em “Domingas e a cunhada” e “Beijo na Face”

Mariana Souza Paim¹

Resumo: Neste ensaio buscamos desenvolver algumas reflexões sobre a lesbianidade, pensando o véu de silenciamentos e invisibilidades que parece repousar em torno da mesma. Aqui, tomamos o silêncio como ponto de partida, mas também como local de potência quando este é mobilizado em meio a narrativas que desestabilizam a heteronormatividade e suas conexões com o racismo e a lógica colonial. Tendo essas questões em vista, procuramos analisar as representações da lesbianidade nos contos “Domingas e a cunhada” (2010) e “Beijo na face” (2016), presentes nos livros *Cada tridente em seu lugar* e *Olhos d’água*, das autoras Cidinha da Silva e Conceição Evaristo, respectivamente, partindo de uma proposta que prioriza estabelecer um diálogo entre esses textos ficcionais e aqueles que remontam a tradição crítica do pensamento lésbico e/ou feminista negro. As narrativas analisadas têm em comum, para além de se inscreverem no campo da literatura afro-brasileira, a centralidade no que se refere ao protagonismo feminino e a vivência da lesbianidade, além de possuírem traços compartilhados no que diz respeito às trajetórias das personagens, como o exercício de equilíbrio que se exige de um amor que é (entre)visto por entre camadas de visibilidade e silenciamentos.

Palavras-chave: Lesbianidades; Feminismo; Raça; Conceição Evaristo; Cidinha da Silva.

¹ Doutoranda no programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, onde também integra a coordenação da linha de pesquisa Lesbianidades, Interseccionalidades e Feminismos (LIF), vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS).

Onde e quando podem as lésbicas negras falar/estar?

Se na literatura dita universal há quase um total apagamento das vivências da lesbianidade, quando pensamos estas a partir de um viés que considere o recorte racial, as representações se tornam ainda mais rarefeitas², essa pouca representatividade em meio a literatura, se reflete também no quantitativo de pesquisas que se voltam a essa discussão³, onde o silêncio parece ser uma pedra de toque. Aqui, pensando ao lado de bell hooks (2013), gostaria de evocar, a ideia de silenciamento enquanto algo estruturador das vivências das mulheres negras, mas que incide duplamente sobre as lésbicas negras, pois estas foram socialmente localizadas para além da normatividade hetero branca cristã patriarcal, e no caso do Brasil, permeada pela lógica colonial. Nestas palavras não está implicada qualquer hierarquização das opressões, mas sim o fato de que a lesbianidade posiciona essas mulheres de maneira diferenciada frente a matriz de dominação (COLLINS, 2019), onde essas diversas opressões se interseccionam e atravessam de maneiras distintas⁴.

² A pesquisa da Regina Dalcastagnè (2012) oferece um balanço quantitativo, embora parcial, que é bastante revelador de como as mulheres negras e as lésbicas têm sido invisibilizadas em meio a produção de literatura contemporânea. No levantamento dos livros publicados entre 1990 e 2004 pelas principais casas editoriais do país, entre as 258 obras analisadas há a ocorrência de apenas três protagonistas e uma narradora identificadas enquanto mulheres negras. Além disso, as personagens negras nos romances analisados eram geralmente representadas como empregadas domésticas. Na questão da autoria o cenário não é diferente: dos 165 autores, apenas 2,4% eram negros. E com relação a sexualidade das personagens apenas 3,9% são homossexuais e desse total 79,2% são homossexuais, mas do gênero masculino, isso sem levar em consideração o recorte racial na orientação sexual das personagens.

³ A pesquisa realizada por Sandra Regina, nas áreas de ciências humanas, das artes e da saúde, no banco de teses e dissertações da CAPES/CNPq no período compreendido entre os anos de 1988 e 2009, encontrou como resultado que de um total de 161 estudos, apenas 27 (cerca de 17% do total) tocam no tema da homossexualidade feminina, dentre os quais apenas dois trabalhos (pouco mais de 1,2%) utilizam a categoria gays e lésbicas. É importante salientar que esses dados não matizam o recorte racial. (MARCELINO, 2011, p. 32)

⁴ As maneiras pelas quais as diferentes opressões se estruturam e interagem tem sido teorizada de maneira mais sistematizada, ao menos desde a década de 1970, por diferentes grupos militantes e intelectuais do feminismo negro, tais como: Combahee River Collective (2019 [1977]), Angela Davis (2016 [1981]), Audre Lorde (2019 [1984]) e Patricia Hill Collins (2019 [1990]), sendo estas referências fundamentais para estas formulações.

E como se diz que a literatura espelha a vida, para além do silenciamento, a representação da lesbianidade de mulheres negras convive também com os estereótipos que relacionaram historicamente os corpos de mulheres negras a animalização e sexualização ao longo do processo de colonização, de acordo com Maria Lugones,

el tipo de diferenciación que se aplica a los pueblos colonizados y esclavizados es de dimorfismo sexual macho y hembra. Como el resto de las bestias no hay una lectura de género aplicada a este dimorfismo, el cual sólo da cuenta de la capacidad reproductiva y la sexualidad animal (apud ESPINOSA-MIÑOSO, 2016, p. 153)

Esta leitura que colocou para além do sistema de inteligibilidade de gênero os corpos de mulheres negras, associando-os apenas a capacidade reprodutiva e a uma sexualidade animalizada, segundo a autora, permeou todo o contexto colonial de escravização. Mas em nossos dias, ela ainda engendra e serve de alicerce à polarização que foi construída em torno das imagens de mulheres negras que circulam em meio ao imaginário coletivo e se expressam nos produtos da grande mídia e em outros artefatos culturais, como a literatura. Segundo Lélia Gonzalez (1984), no caso do Brasil permanece viva essa polarização do imaginário a respeito das mulheres negras entre a figura da “doméstica”, que cuida do espaço de reprodução da força de trabalho na sociedade contemporânea, leia-se das famílias brancas, e da “mulata tipo exportação”, sensual e sexualmente disponível. Aqui poderíamos lembrar de uma série de personagens icônicas, como a Gabriela do Jorge Amado, a Globeleza, a tia Anastácia do Sítio, isso só para falar nas que ficaram mais grudadas em nossa memória coletiva.

O que tentamos articular aqui é que a representação da lésbica negra, quando não é totalmente invisibilizada, é construída muitas vezes a partir desse mesmo estereótipo da sexualização animalesca que é associado as mulheres negras de maneira geral, afinal as lésbicas não são mulheres?! Questões estas que se tornaram evidentes ao longo processo de pesquisa e escrita deste texto, em 2018, onde por um lado havia uma quase ausência de referências que se voltavam para investigar vivências e trajetórias de

lésbicas negras e, por outro, na internet, quando eram inseridos os termos “lésbica negra” no buscador do *google*, a quase totalidade das páginas exibidas eram as de sites pornográficos⁵. O que nos convoca a refletir sobre as maneiras pelas quais o capitalismo se engendrou historicamente junto ao sistema colonial e como vem dando continuidade e reatualizando a colonialidade, a partir da qual permanece se (re) apropriando desses corpos a partir da mesma lógica de sexualização, os tornando mais uma vez mercadoria para o desfrute do homem.

Quando nos deparamos com problemas dessa ordem, têm-se a impressão de que o único local possível para a existência das lésbicas negras é no espaço da ausência ou na lógica do capital pornô. Não há como não pensar que essa dinâmica violenta também é o *ethos* a partir do qual esses corpos se tornam passíveis de serem violados/violentados. Não vamos esquecer da Luana Barbosa, da Marielle Franco e de tantas outras lésbicas negras assassinadas! É de conhecimento geral os dados sobre a violência contra os corpos negros⁶, mas quando matizamos a questão de gênero e orientação sexual como motivadores dessa violência, informações que são bastante insuficientes, o quantitativo se repete entre as mulheres negras⁷. Essa insuficiência de dados reflete, por sua vez, mais uma camada de invisibilidade e silenciamento sobre a lesbianidade.

⁵ Em 2019, diante da ampla mobilização dos movimentos LGBTQIA+, o *google* fez mudanças em seu algoritmo de buscas, de modo a desassociar a palavra “lésbica” de conteúdos pornográficos. Ver matéria à respeito em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/tecnologia/1565280236_871191.html.

⁶ De acordo com o *Atlas da Violência* de 2020, apenas no ano de 2018, foram assassinados 43.890 homens negros e 3.070 mulheres negras, o que representa, respectivamente, 75,7% e 68% do total das vítimas de homicídios no Brasil, quando são comparados os dados por raça/gênero.

⁷ O *Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil* lançado em 2018, que foi o primeiro levantamento a reunir dados nesse sentido, demonstra o crescimento da violência contra mulheres lésbicas. O documento indica que, no período entre 2000 e 2017, foram registrados 180 homicídios de lésbicas. No entanto, os anos mais recentes concentram a maior parte das mortes: somente entre 2014 e 2017, foram registrados 126 assassinatos de lésbicas no país. Assim como os dados sobre a violência doméstica, de acordo com o *Mapa da violência*, as mulheres negras tem três vezes mais chances de serem vítimas de feminicídio do que mulheres brancas e o índice continua aumentando no decorrer dos anos.

Mesmo quando pensamos a presença da lesbianidade em meio a trajetória do movimento feminista, o que temos novamente é pautado pela exclusão e invisibilidade, Ochy Curiel nos diz que

A pesar de la fuerza política de las lesbianas dentro del feminismo y que muchas de las líderes de esta segunda ola eran lesbianas políticas, el tema del lesbianismo fue un punto de conflicto con las feministas heterosexuales, tensión que llega hasta hoy día. Esto hizo que el separatismo fuese una necesidad para las lesbianas, como una forma de buscar sus propios intereses feministas y encauzar una práctica y un movimiento con pensamiento y discurso propio, porque a pesar de los suficientes análisis feministas en torno a la subordinación de las mujeres, el carácter pequeño burgués, heterosexista y racista del feminismo en el continente hacia asumir la categoría mujeres como algo universal y homogéneo, reproduciendo lo mismo que criticaban a la masculinidad ilustrada. (CURIEL, 2017, p. 2)

O feminismo lésbico surge assim como uma forma de estabelecer um movimento, com discurso e pensamento próprios, refletindo e elaborando estratégias de enfrentamento ao sistema de opressão a partir do reconhecimento das especificidades e diversidade de vivências dentro da categoria “mulher”. Se dentro do movimento feminista houve dificuldades em se descentrar análises e projetos de luta para além da heterossexualidade e do pensamento racista, fazendo com que o diálogo sobre o recorte racial e a lesbianidade fosse invisibilizado, em meio a produção que conceituamos como literatura afro-brasileira⁸ também não foi diferente. Apesar de serem movimentos/campos que poderíamos pensar como contra hegemônicos, a lógica da heteronormatividade parece funcionar de forma naturalizada neles também.

⁸ Segundo Eduardo Assis a literatura afro-brasileira tem como característica cinco elementos: a temática, sendo o negro o tema principal; a autoria, proveniente de autor afro-brasileiro; o ponto de vista, identificado às problemáticas relacionadas a essa população e de afirmação da negritude; a linguagem, com expressão de ritmos e significados próprios e, por último, a intencionalidade no sentido da formação de um público leitor afrodescendente. No entanto, o autor ressalva que “nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-brasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes.” (ASSIS, 2011, s/p).

Aqui pensamos principalmente nos *Cadernos Negros*, publicação que sem dúvidas se constitui a mais emblemática da literatura afro-brasileira, no sentido pioneiro de reunir, visibilizar e possibilitar uma maior circulação de autores negros e suas produções. Mas onde há uma desproporção com relação a produção de autoria masculina e feminina, assim como poucas ocorrências da tematização da lesbianidade. Há sobre isso um caso exemplar, Miriam Alves, autora presente em várias das publicações dos *Cadernos* e ex-integrante do coletivo *Quilombhoje Literatura*, publicou um conto tendo a lesbianidade como temática e depois teve que adotar um pseudônimo para assinar esse tipo de narrativa, por medo da violência⁹. Ou seja, mesmo havendo uma certa abertura para publicação desse tipo de produção literária em meio a coletânea, os tabus em torno da lesbianidade se faziam presentes entre o público leitor.

Assim, percebemos que a dinâmica de silenciamento da lesbianidade opera de diferentes formas e a partir de diferentes locais. Cabe ainda pensar nessa dinâmica, de forma expandida a partir da indagação da Gayatri Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, não apenas direcionado ao poder enunciativo constantemente restringido as mulheres negras, mas também é importante indagar quando as mulheres negras falam quem escuta? Sobre o que elas podem falar? O que [se escolhe] ouvir? O que é passível de ser enunciado em meio a literatura produzida por mulheres negras?

Como afirma Gloria Anzaldúa, “A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos.” (ANZALDÚA, 2000, p. 229). Essa fala não é ouvida, pois parece que a existência da lesbianidade, por fugir do regime da heterossexualidade

⁹ O referido conto chama-se *Abajur*, publicado em 1997, ainda assinado com o nome original da autora e trata sobre a lesbianidade vivenciada entre mulheres negras. Em entrevista concedida a pesquisadora Camila Sodré, a qual reproduzo aqui, Miriam Alves diz: “Explico mais. Preserva o da minha integridade física. Como na época o meu público leitor era bem próximo a maioria do Movimento Negro e existia um tabu com rela o a homoafetividade. Um militante leu *Abajur* e apareceu no meu serviço para tomar satisfa o e disse que ia me bater com o livro. Ele estava muito nervoso eu tive que acalma-lo. Daí para frente comecei assinar como Zula e ela Zula passou a ser um heter nimo como profissão, nome, quase vida própria. S  os organizadores de *Cadernos* sabiam que era eu.” (DIAS, 2013, p. 4)

compulsória (RICH, 2010 [1980]), deve ser algo enquadrado enquanto uma monstruosidade que é preciso a todo custo ser escondida. Mas, acreditamos que se há tanto investimento em ocultá-la é porque algum potencial extremamente subversivo e perturbador da normatividade ela tem, já que a “total autonomia das mulheres ameaça as instituições sociais dominadas pelos homens, como a família, o Estado e a religião; instituições que são centrais na reprodução econômica, cultural e política do heteropatriarcado.” (SAUNDERS, 2017, p. 107)

Assim, podemos pensar os enquadramentos que tentam silenciar a existência lésbica, enquanto reação ao potencial subversivo da mesma, o que faz com que o lugar da produção e enunciação que diz da lesbianidade possa ser tomando de maneira ainda mais potente. Pois acreditamos que quando outras sujeitas falam, além de romperem o silenciamento historicamente imposto sobre a existência lésbica, elas engendram um discurso que rasura essas narrativas escritas sobre nós, basta ver a produção das lésbicas feministas negras, dentre elas: Audre Lorde (2019), Cheryl Clarke (1988), Ochy Curiel (2013) e Angela Davis (2016), e o quanto elas tem abalado a produção de conhecimento e a própria noção de episteme, assim como as reflexões em meio aos movimentos sociais. Além disso, há também uma produção em meio a literatura, que diz de outra forma da lesbianidade a partir de e/ou entre mulheres negras, que precisa ainda ser melhor visibilizada e acolhida em meio ao campo de estudos da literatura.

Partindo dessas questões, nossa proposta caminha no sentido de se pensar as representações da lesbianidade presentes nos contos “Domingas e a cunhada” (2010) e “Beijo na face” (2016), presentes nos livros *Cada tridente em seu lugar* e *Olhos d’água*, das autoras Cidinha da Silva e Conceição Evaristo, respectivamente. As narrativas têm em comum, para além de se inscreverem no campo da literatura afro-brasileira, a centralidade no que se refere ao protagonismo feminino e a vivência da lesbianidade, além de possuírem traços compartilhados no que se refere as trajetórias das personagens, como o exercício de equilíbrio que se exige de um amor que é (entre) visto

por entre camadas de visibilidade e silenciamentos. Mas um silêncio que é operado aí, sobretudo, como lugar de potência, que oferece a oportunidade de sentirmos vertigem diante das trajetórias dessas personagens e seus amores, profundos.

Entre silêncios e vertigens

O conto “Domingas e a cunhada” foi originalmente publicado no volume de estreia de Cidinha da Silva, *Cada tridente em seu lugar*, em 2006, obra que reúne textos que transitam entre os gêneros do conto e da crônica. O conto “Domingas e a cunhada” narra a história da relação lésbica entre as duas personagens, no qual, entre diferentes tempos narrativos que retomam momentos da vivência e afetos compartilhados entre elas, somos levadas a acompanhar a trajetória de Domingas que aos 16 anos foge da seca de Serra Talhada e do desejo que considera não correspondido pela cunhada, para a cidade de Buritizeiro.

Minha flor de mandacaru, depois de mês viajando, cheguei a uma terra onde tem água nos rio. Tem também uns bicho feio, de madeira, que eles chama de carranca e diz que espaventa espírito ruim dos barco. [...] Cê num falava mais comigo e se eu ficasse mais um pouco sem aquela comida, cozin hava os miolo de sofrimento. (SILVA, 2010, p. 46-47)

Nesse trecho, que se constitui parte de uma carta enviada por Domingas para a cunhada, Arminda, podemos refletir sobre as motivações para o deslocamento, sendo elas a seca e as dificuldades relacionadas às possibilidades de verbalização e experimentação do desejo, mas se sobressai também o trabalho estético com a linguagem que é mobilizado pela autora, onde poeticidade e características da oralidade são a malha com que se tece uma dicção própria para a personagem, que aponta ainda para a sua pertença e localização social. Arminda, que, por sua vez, esperava ansiosa a carta enviada por Domingas, havia se casado muito jovem, aos 14 anos, com Tonho, o irmão mais novo de Domingas, que a deixou para seguir rumo ao cangaço. Depois do

abandono do marido e um ano de espera, a carta de Domingas chega enfim às suas mãos e Arminda segue ao encontro dela.

Em “Beijo na face”, conto publicado nos *Cadernos Negros* de número 26, no ano de 2003, e republicado no livro *Olhos d’água* (2014), volume que reúne quinze contos permeados por uma forte linguagem poética e protagonismo feminino, mergulhamos entre flashes na história de Salinda, uma mulher negra, mãe, casada com um homem, com o qual vive um relacionamento abusivo, mas que se permite aprender outras formas de dizer/fazer amor. A narrativa, assim como a de “Domingas e a cunhada”, se desenvolve a partir de um amálgama de diferentes temporalidades. Salinda vive a vida em dois tempos, um no qual o marido está implicado, e que parece se diluir cada vez mais, e um outro, onde vivencia, junto a uma mulher, a aprendizagem de um novo amor e suas lembranças.

Esse exercício do novo amor se dá em momentos furtivos, quando visita sua tia em Chã de Alegria¹⁰. É no retorno de uma dessas viagens que se inicia a narrativa, enquanto a personagem desfaz as malas, o que funciona como metáfora daquilo que trouxe consigo, o beijo na face que colhe com as mãos, as roupas que preservam a umidade do tesão, e a necessidade de (re) arrumar objetos, lembranças e o próprio desejo em meio a espera angustiada do encontro com o marido. A escolha do léxico presente desde o início do conto remete ao erotismo lésbico, porque joga com palavras que remetem a esse universo, como: mãos em concha, toques tênues, corpo-ofertório, pontas dos dedos desejos, umidade, dentre outras. É interessante perceber como ambos os contos são construídos, sem dizer a princípio, para uma leitora possivelmente não lésbica, o lugar e endereçamento desses afetos, o que nos leva a refletir também como a lógica da heterossexualidade compulsória pode oferecer diferentes leituras para eles, já

¹⁰ Coincidentemente, Chã de Alegria, assim como Serra Talhada, cidades que permeiam o espaço ficcional das narrativas, se localizam no estado de Pernambuco, já Buritizeiro se situa no estado de Minas Gerais.

que esta se caracteriza como uma instituição social de controle que imprime a heterossexualidade como única possibilidade de exercício da sexualidade (RICH, 2010).

Entre flashbacks vamos mergulhando vertiginosamente na relação de Domingas e Arminda e na introspecção de Salinda, em suas memórias felizes e também temores, costuradas com uma linguagem onde transborda poeticidade.

A mala ia sendo desfeita lentamente enquanto tempos distintos amalgamavam-se em suas lembranças. A imagem dos filhos voltou à sua mente. [...] A casa sem as crianças tinha o silêncio que brincava matreiramente nos cômodos. A ausência de qualquer som transportou-a novamente para os poucos dias vividos em Chã de Alegria. No dia anterior tinha levantado cedo guardando no rosto e no corpo as marcas do encontro vivido na noite. (EVARISTO, 2016, p. 54)

O silêncio se faz muito presente nas narrativas, mas também opera em um lugar sobretudo de potência, já que joga com a dinâmica do que pode ser dito ou não, dotando as personagens de uma complexa vida interior, que nos deixam, enquanto leitoras, também a função continuar a tentar tocar mais fundo a narrativa. Como operador para a leitura utilizamos da metáfora “vida equilibrista”, presente no conto “Beijo na face” por acreditarmos que ela é bastante representativa dessa dinâmica. Pensamos assim, que essa imagem reflete de certa forma as camadas de (in) visibilidade da experiência da lesbianidade em meio às narrativas, algo equivalente ao *armário*, como estruturante dessas vivências, já que os contos operam numa lógica que dinamiza o exercício da sexualidade entre o tensionamento e equilíbrio daquilo que é silenciado/segredado e/ou visibilizado. Andar sobre a corda bamba nesse vida equilibrista é de certa forma não pressionar demais a corda que separa os passos da equilibrista do encontro com o vazio da queda, essa mais uma metáfora para a violência.

Uma das estratégias narrativas mais poderosas presentes nos contos é a maneira como a percepção do desejo por outras mulheres é construída. A existência desse desejo vertiginoso, não produz nenhum questionamento sobre a natureza do

mesmo, nem angústias ou interrogações sobre sua viabilidade entre as personagens, mas é antes de tudo tomado como algo dentro do possível. Salinda rememora a descoberta do desejo da seguinte forma: “Bem cedo, quando a manhã ainda estava no nascedouro, ela gozou antecipadamente a doce aflição que sentira à tarde ao deparar-se com o equilibrista.”, a despeito da utilização do artigo masculino, na sequência somos informadas que é uma mulher quem se equilibra sobre a corda bamba e para qual se volta o seu desejo, “Seu hálito ainda estava impregnado do amor vivido na noite anterior. Levantou-se acompanhando com gosto o jogo da dançarina na fugaz linha da vida.” (EVARISTO, 2016, p. 56).

Em “Domingas e a cunhada” é a partir da carta de Domingas à Arminda, que a última considera como o seu maior tesouro, que sabemos como se deu o despertar do desejo entre as duas personagens, sendo narrado assim: “Minha estrela-guia foi a lembrança daquela noite de lua cheia que cê dormiu nos meus braço. Grudada. Um bumbo batendo dentro do seu peito e cê suaava de medo. Foi o dia mais bonito da minha vida.” (SILVA, 2010, p. 46-47). A atração e o uso do erótico pelas personagens se dá de maneira natural, refletindo também a autonomia e autogerência sobre seus corpos e afetos. Segundo Tanya Saunders,

A autonomia erótica interrompe a conexão colonial básica entre respeitabilidade, posse e cidadania. Dessa forma, a autonomia erótica pode perturbar a heterossexualidade (um sistema de gênero/sexo racializado) como sendo um elemento constitutivo da cidadania de modo que a lealdade do cidadão para a nação não está imbuída na relação colonial entre raça, sexo, reprodução, heterossexualidade e o erótico. (SAUNDERS, 2017, p. 113)

Audre Lorde em seu clássico texto, “Os usos do erótico: o erótico como poder” (2019), também reflete sobre o modo como as interdições em torno da dimensão do erótico têm sido utilizadas para privar as mulheres do acesso à fontes mais profundas de (auto) conhecimento e poder. O erótico é considerado por Audre Lorde, enquanto uma força emocional e psíquica profunda que reside em todas nós, sendo que esta é

reconhecida por ela, enquanto uma energia fundamental que precisamos reconhecer e (re) aprender a utilizar. O exercício da autonomia erótica entre as personagens presentes nos contos também se inscreve enquanto um gesto narrativo poderoso, pois afronta e desestabiliza a heterossexualidade e suas conexões com a lógica colonial.

Reposicionando a sexualidade a partir de outro lugar, as narrativas apostam na decolonização desses corpos e afetos. Sendo que a ideia do cuidado e do estabelecimento de redes entre mulheres, que fissuram também os discursos do patriarcado, está para além da lesbianidade vivenciada pelas personagens. Há em ambos os contos a presença de outras mulheres que se apoiam e ajudam mutuamente, no caso de Salinda, há a presença-cuidado de sua tia Vandu e a cumplicidade entrevista como possibilidade nos olhares que troca com a filha mais velha; já Domingas e Arminda, contam com a ex-freira holandesa, também lésbica, que se faz presente no cotidiano das duas, assim como a própria Domingas pareceu, mesmo antes do envolvimento lesboafetivo, ter mantido sempre uma relação de cuidado com Arminda.

Outra questão importante nos contos é a forma por meio da qual os homens são representados, já que tanto em “Domingas e a cunhada” quanto em “Beijo na face” há um certo apagamento da presença deles nas narrativas¹¹. Em “Domingas e a cunhada”, Tonho é descrito como alguém desastrado e perdido, sem densidade emocional, só figurando em uma curta passagem do conto. O marido de Salinda, não tem nome, nem possui uma descrição sequer de seus atributos físicos, o que sabemos dele se dá a partir de uma presença fantasmática, a vigiar seus passos, cercear sua liberdade e produzir temor em meio as constantes ameaças de violência, tanto física, quanto psicológica. Nessa direção, a reflexão de Cheryl Clarke possibilita pensarmos a violência exercida

¹¹ As autoras operam assim uma amputação de uma figura que geralmente ocupa uma posição de poder, que poderia ser lida também como uma forma de, ao despersonalizar a figura masculina, acentuar os traços tóxicos de uma masculinidade compartilhada entre muitos homens. Esse apagamento, na escrita de Conceição Evaristo parece ser uma estratégia constante. Agradeço à Hildália Fernandes por apontar essa questão, me ajudando a refletir sobre ela e a tantas outras presentes nesse texto.

com licenciosidade pelos homens, como mais uma forma de tentar limitar o exercício de autonomia das lésbicas,

Os homens de todos os níveis privilegiados, de todas as classes e cores possuem o poder de atuar legal, moral e/ou violentamente quando não podem colonizar às mulheres quando não podem limitar nossas prerrogativas sexuais, produtivas, reprodutivas, e nossas energias. (CLARKE, 1988, s/p)

Essa prerrogativa masculina, de tomar o corpo da mulher como propriedade, está presente na conduta do marido da personagem, o que exige que Salinda se ponha em uma posição de autovigilância constante, a partir da qual era preciso esconder não só a nova relação que experimentava, mas a felicidade da descoberta proporcionada pelo novo amor. A personagem assim, diante do marido “precisava embrutecer o corpo, os olhos, a voz.” (EVARISTO, 2016, p. 52), sendo esta uma forma de resistir ao cotidiano violento em que estava inserida, enquanto aguardava as crianças crescerem mais para conseguir sair do relacionamento, pois apesar de ser independente financeiramente, Salinda temia que o marido pudesse afastar dos filhos.

A vivência dos amores entre as personagens dos contos se dá de forma silente, talvez seja essa também uma estratégia para fugir da exposição a uma possível violência. De Domingas e Arminda se sabe que “Elas dormem juntas e isso é público, mas ai de quem as declarar amantes. A casa tem apenas um quarto, cuja porta sempre fica aberta e donde se vê uma cama de casal.” (SILVA, 2010, p. 45), nesse trecho há todo um jogo entre a dinâmica público/privado ou do que é passível de ser (inter) dito da sexualidade das personagens, já que parecem deliberadamente expor a intimidade, pondo à mostra a cama de casal compartilhada, ao passo em que há uma interdição, que se volta aos olhares dos outros sobre a possível natureza da relação.

Em “Beijo na face” era na casa da tia de Salinda, Vandu, que os encontros aconteciam. Sendo que: “De noite, depois das crianças, desconhecendo o que se passava com a mãe dormirem, Salinda, no quarto destinado a ela, podia se dar, receber, se ter e

ser para ela mesma e para mais alguém.” (EVARISTO, 2016, p. 53). Assim, em ambos os contos a sexualidade e vivência da lesbianidade repousa no espaço do privado, algo constante nas narrativas que abordam essa temática. Mas que não deixa de ser problematizado através da voz da protagonista quando pergunta “E por que não gritar, não pichar pelos muros, não expor em outdoor a grandeza do sentimento?”. Ao passo em que reflete: “Não, não era a ostentação que aquele amor pedia. O amor pedia o direito de amar, somente.” (EVARISTO, 2016, p. 52)

Ter apenas o direito de amar, em uma primeira leitura, parece ser muito pouco, mas aponta para um gesto afirmativo em torno da possibilidade de se vivenciar a lesbianidade. O que se confirma no desfecho dos contos. “Beijo na face” se encerra com a descoberta do marido da relação que Salinda mantém em segredo, momento no qual a personagem, em meio ao susto e a dor, se volta a partir de um gesto auto contemplativo em direção da imagem da mulher amada:

Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. [...] o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves-fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. (EVARISTO, 2016, p. 57)

O conto se encerra dessa forma, explicitando e afirmando o desejo que segue em direção a outra mulher, este experienciado em sua completude também na forma do prazer satisfatoriamente compartilhado entre elas, além de acenar com a possibilidade de continuidade da relação. Em “Domingas e a cunhada”, somos surpreendidas pela a informação de que as duas viveram juntas até a morte de Domingas, dividindo o cotidiano por mais de cinquenta anos, o que também acaba por subverter o estereótipo que associa de modo frequente a experiência da lesbianidade à solidão.

Acreditamos que as narrativas presentes nos dois contos desordenam as construções tradicionalmente associadas tanto a lesbianidade, quanto aos corpos de mulheres negras, oferecendo não apenas uma visão positiva sobre a vivência e percepção do desejo lésbico, mas também trazendo para o centro da cena personagens dotadas de uma vida interior complexa, que agenciam suas próprias vidas, escolhas e afetos, de modo que gerenciam ainda a (in)visibilidade de suas relações, estabelecendo *quem* pode dizer/saber dos seus amores. Contribuindo assim para romper com os estereótipos e os silenciamentos tradicionalmente impostos sobre essas sujeitas e suas existências.

“Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio” ou precisamos continuar a falar em línguas

Conceição Evaristo tem retomado, em muitas entrevistas e escritos críticos, a máscara presente na iconografia produzida a respeito da escravizada Anastácia, como um símbolo da interdição histórica em torno das possibilidades de enunciação das pessoas negras. Uma reflexão que se faz presente também de modo central, na análise que Grada Kilomba (2019) faz sobre o racismo, que é expresso episódica e cotidianamente e em meio a diferentes dimensões, como a estrutural e a institucional. Para Grada Kilomba, a máscara utilizada como instrumento de tortura colonial, fala tanto do imaginário sádico do racismo e de seus processos de atualização, quanto das interdições e silenciamento das vozes negras, mas também diz da urgência de se engendrar outros processos de subjetivação e decolonização, conectados a ocupação dos espaços de enunciação. É dessa possibilidade de subversão urdida desde a ocupação dos espaços de enunciação, que também fala Conceição Evaristo, em entrevista para a *Carta Capital* (2017), onde a autora afirma que

Aquela imagem de escrava Anastácia (aponta pra ela), eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara.

Ocupando o lugar da fala, a escrita de mulheres negras estilhaça a máscara do silêncio da colonialidade, pois ao romper e reinventar narrativas, são tecidas novas formas de representação, sendo esta uma produção que não apenas denuncia os séculos de silenciamento e violências, mas que também inscreve outras experiências, anseios e horizontes. A escrita é então um lugar de possibilidades e que enseja um duplo movimento, aquele de dizer o que foi invisibilizado e de tecer outros modos de autorrepresentação e de produção de vida, reconfigurando, como se faz presente nas narrativas aqui analisadas, as possibilidades de inscrição de afetos, conexões e desejos compartilhados entre mulheres. Possibilidades estas que são consideradas por Audre Lorde (2019) enquanto uma dimensão fundamental em direção ao horizonte de mudanças que tanto almejamos.

Reconhecer o poder do erótico em nossas vidas pode nos dar a energia necessária para lutarmos por mudanças genuínas em nosso mundo, em vez de apenas nos conformarmos com trocas de personagens do mesmo drama batido. Pois não entramos em contato com as fontes da nossa mais intensa criatividade, como também com o que é feminino e autoafirmativo diante de uma sociedade racista, patriarcal e antierótica. (LORDE, 2019, p. 74)

As muitas vozes que se fazem presentes nesse texto reverberam, em uma primeira instância, sobretudo o estado de afecção que a sua leitura tem provocado, pois não há como pensarmos na literatura-poesia de Conceição Evaristo e Cidinha da Silva sem remetê-las a essa ordem, essas autoras têm produzido uma literatura extremamente vigorosa, inquietante e poderosa estética e politicamente. Acreditamos que a maneira como a lesbianidade é representada nos contos contribui para, não apenas dizer da existência de algo que foi historicamente silenciado e invisibilizando, mas acaba por rasurar as narrativas oficiais sobre mulheres negras também, possibilitando que

vivências outras sejam vistas em meio a literatura brasileira. As narrativas tecidas por Conceição Evaristo e Cidinha da Silva têm disputado sentidos e espaços em meio ao nosso campo literário e contribuído, assim, para que este se constitua também como um espaço plural, onde se pode tornar audíveis vozes mais heterogêneas, situadas em contextos de gênero, sexualidade, classe e raça diversos. Como se diz que aquilo que não nomeamos não existe, é preciso também seguir, como nos convoca Gloria Anzaldúa (2000), tentando falar e buscando ouvir mais de perto essas e outras línguas.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas** – REF, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2000, pp. 229-236.
- CLARKE, Cheryl. **Lesbianismo: um ato de resistência**, 1988. Disponível em: <http://politica-sexual.blogspot.com>
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- COMBAHEE RIVER, C.; PEREIRA, S.; GOMES, L. S. Tradução: Manifesto do Coletivo Combahee River. **Plural - Revista de Ciências Sociais**, v. 26, n. 1, 2019, pp. 197-207. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159864>.
- CONCEIÇÃO, Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Carta Capital, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>
- CURIEL, Ochy. **La Nación Heterosexual: Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Brecha Lésbica y en la frontera, 2013.
- CURIEL, Ochy. **El Lesbianismo Feminista: una propuesta política transformadora**, s/d. Disponível em: <http://www.alainet.org>.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte/ Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIAS, Camila Sodré de O.; GARCIA, Paulo César. **Entre corpos negros e a lesbianidade na narrativa New York, de Miriam Alves**. In: Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, Salvador, 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.) **A mente afro-brasileira**. TrentonNJ, EUA / Asmara, Eritreia: África World Press, 2007, pp. 103-112.
- ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkis. De por qué es necesario un feminismo descolonial: diferenciación, dominación co-constitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. In: **Solar**, Lima, v. 12, n. 1, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, pp. 223-244.
- GOOGLE conserta seu algoritmo para que a palavra ‘lésbica’ não seja mais sinônimo de pornô. El país, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/tecnologia/1565280236_871191.html

- hooks, bell. **Ensinado a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Org.). Atlas da violência 2020. Rio de Janeiro: IPEA, 2020. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MARCELINO, Sandra Regina de Souza. **Mulher Negra Lésbica**: a fala rompeu o seu contrato e não cabe mais espaço para o silêncio. Dissertação (mestrado) – PUC/RJ, 2011.
- PANORAMA da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais. Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher contra a Violência, 2016. Disponível em:
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/529424>
- PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe Soares; DIAS, Maria Clara (Orgs.). **Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil**. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018. Disponível em:
<https://www.lesbocidio.com/>
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, Natal, n. 5, 2010, pp. 17-44.
- SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. In: **Periódicus**, Salvador, n. 7, v. 1, 2017, pp. 102-116.
- SILVA, Cidinha da. **Cada tridente em seu lugar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Between silences and vertigo:

Representation of lesbianity in *Domingas e a cunhada* and *Beijo na Face*

Abstract: In this essay we aim at developing some reflections upon lesbianity, thinking about the veil of silencing and invisibilities that seems to rest around it. Here, we take silence as a starting point, but also as a place of power when mobilized amid narratives that destabilize heteronormativity and its connections with racism and colonial logic. Taking these issues into consideration, we seek to analyze the representations of lesbianity in the short stories “Domingas e a cunhada” (2010) and “Beijo na face” (2016), depicted in the books *Cada tridente em seu lugar* and *Olhos d'água*, written respectively by the female authors Cidinha da Silva e Conceição Evaristo, starting from a proposal that foregrounds bringing about a dialogue between these fictional texts and those that go back to the critical tradition of lesbian and/or Black feminist thought. The narratives analyzed share, besides the fact of belonging to the field of Afro-Brazilian literature, the centrality regarding female protagonism and the experience of lesbianity, as well as common traits concerning the trajectories of the characters, for instance, the tact required of a love that is seen through layers of visibility and silencing.

Keywords: Lesbianities; Feminism; Race; Conceição Evaristo; Cidinha da Silva.

Recebido: 05/05/2021

Aceito: 01/12/2021